



Revisor

Renata Hetmanek

Aquela mania de revisar tudo

“A luta contra o erro tipográfico tem algo de homérico. Durante a revisão, os erros se escondem, fazem-se positivamente invisíveis. Mas assim que o livro sai, tornam-se visibilíssimos, verdadeiros sacis a nos botar a língua em todas as páginas. Trata-se de um mistério que a ciência ainda não conseguiu decifrar...”

Monteiro Lobato

Os tradutores normalmente se enquadram melhor em um determinado perfil: há os que têm mais fluência na língua de origem, os que possuem produtividade mais alta do que a média, os que dominam muito bem as ferramentas eletrônicas e aquele tipo de tradutor com perfil de revisor. É claro que o mesmo tradutor pode reunir essas características, mas a experiência demonstra que há uma maior tendência natural para uma delas. Este artigo é sobre aquele tipo de tradutor que faz controle de qualidade de projetos, aquele que bate o olho no texto e já detecta erros.

Como diria Caetano Veloso, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. O revisor típico é aquele que não consegue andar na rua como um transeunte normal, sem prestar atenção no que está escrito ao redor. Ele, perdido no trânsito, não consegue se localizar porque se distrai com as faixas das lojas e dos camelôs, que trazem preciosidades do tipo: “Fa-se tijolo” (Faz-se tijolo), “bala de cocô gelada” (bala de coco gelada) e “comida a kilo” (comida a quilo).

Ele não consegue assistir a um filme, saco de pipoca na mão, sem dar a menor bola para a legenda. Tem vontade de cutucar o vizinho da poltrona quando percebe um erro de tradução. (Isso quando não cutuca mesmo.) É vício de profissão. Teve um filme aí que, no trailer, o garoto vinha caminhando no corredor da escola e dizia: “I have problems with girls. Period”. Na legenda, durante umas três semanas, apareceu: “Tenho problemas com garotas menstruadas”. Depois tiraram a legenda (que deveria ser algo como: Tenho problemas com garotas. Ponto.)

O revisor nato chega no restaurante e, mesmo já sabendo o que vai pedir, abre o cardápio para ler as bobagens, que infalivelmente estão lá. Suco de “melância” é muito comum. Não sei se mais doce do que o de melancia, mas costuma ser servido na maioria das lanchonetes. E tem o vendedor de celular que insiste na tal tecla “asterístico”. Nunca vi um celular com “asterístico”, mas deve existir, porque o vendedor sempre menciona essa tecla, empolgadíssimo com as instruções.

Revisor que é revisor lê livro com uma lapiseira na mão, para ir marcando os erros. Se o texto estiver mal escrito, pelo menos se distrai com a revisão. Tem um autor brasileiro, grande sucesso de vendas, que no início da carreira não permitia que seus livros fossem revisados. Lembro-me de que perdi a conta do número de vezes que encontrei no texto dele “havam ovelhas” (verbo haver no sentido de existir é impessoal, não deve ser flexionado). Depois, com o sucesso e a tradução para outros idiomas, ele foi cedendo à pressão da indústria literária e permitiu a revisão – para o bem de todos.

Escrever e-mails parece um prato cheio para os erros. Não adianta ler e reler a mensagem, é só clicar no botão “Enviar” que um erro vem à tona, como mágica; parece que o comando é que gera o erro; impressionante isso!

Revisor típico não agüenta participar de salas de bate-papo comuns. Ele não suporta a pressão das palavras fluuando entre deslizes ortográficos, semânticos, lingüísticos. O revisor nato é aquele cara que diz, em uma conversa informal: “Se você vir fulano, diga a ele que mandei lembranças”. Se você

“vir”. Quem é que conjuga o verbo ver assim? Só quem trabalha com as letras. Confesso que às vezes tenho vergonha de dizer “vir”. Dependendo do interlocutor, digo “ver” mesmo, que é para a pessoa não achar que estou falando errado...

Aliás, se a língua escrita dá trabalho, a língua falada, então... (Parênteses: vou deixar para os lingüistas a discussão sobre o que é transgressão da norma culta da língua, sobre o conceito de erro, regionalismo, variante social etc.) Vocês já ouviram alguém dizer que um bebê recém-nascido teve “itiriça” (icterícia)? Que a cozinheira vai assar um “largato” (lagarto)? E que alguém vai comer uma “salchicha” (salsicha)? A Sadia veiculou um comercial lindo em que um menino diz algo como: “Minha mãe disse que é salsicha e não “salchicha”, porque senão a marca seria “Chadia” e não Sadia.

Falando em comercial, no outro dia presenciei uma cena curiosa. Sabem aquele anúncio da Nova Schincariol (ele saiu do ar), no qual aparecia um monte de gente gritando “Experimenta, experimenta!”? Era bem animado, envolvente, realmente chamou a atenção, porque as pessoas repetiam o slogan várias vezes e ele ficava martelando na cabeça do espectador. Pois estava eu caminhando na rua perto de casa quando entreouvi o diálogo de dois senhores que estavam sentados em um banco. Um deles estava com o jornal de ofertas de um supermercado na mão. Viu que a Nova Schincariol estava em promoção. Virou para o outro e disse:

“Você viu o comercial da cerveja? É legal. Fica todo o mundo falando “Exprimenta, exprimenta”. Eu ri sozinha. Depois de ouvir várias vezes o coro gritando

“experimenta”, ele reproduziu “exprimenta”, do jeito que está acostumado a falar.

Lembro-me de uma crônica do Millôr Fernandes que discorre sobre essa mania de leitura. O homem está hospedado em um hotel e se esquece de levar algo para ler. Ele fica desesperado. Procura uma Bíblia na gaveta, uma etiqueta no cobertor, qualquer coisa serve. Tem o vício da leitura. No final, contenta-se com uma carta que a telefonista do hotel tem na bolsa. Não existe gente assim? Que lê bula de remédio inteira? Etiqueta de produtos, para ver composição, calorias, validade? Nossa, até manual técnico de aparelhos domésticos, câmeras fotográficas! Tem gosto para tudo nesse mundo...

Diversão de tradutor/revisor é apostar se determinada palavra existe, se corresponde ao significado atribuído a ela em uma conversa. Presente que ele gosta de ganhar é dicionário em papel, dicionário eletrônico, gramática, breviário de verbos. Alegria é encontrar um contexto para usar uma palavra menos corriqueira, como “telúrico”. “Telúrico” é uma palavra linda. O Caetano usa. Linda.

Os amigos ficam rindo quando resolvemos conduzir a conversa para o lado das palavras. Mas, na hora da dúvida, correm para nós. Fulano, você pode traduzir o meu currículo? Pode revisar a minha monografia? Fulano, como se escreve isso? Pois é. Como diz o eterno poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu poema “O Lutador”: “Lutar com palavras é luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã. São muitas, eu pouco. (...) Lutar com palavras parece sem fruto. Não têm carne e sangue... entretanto, luto”. Fiquemos com a nossa luta, esperançosos de que ela não seja em vão.



Renata Hetmanek é gerente de projetos da Editema-SP (Latin Languages). Tradutora há dez anos, formada em Jornalismo (UERJ), com especialização em História das Relações Internacionais (UERJ) e em Tradução Inglês-Português (PUC-RJ).